



O LIVRO DOS MORTOS DO ANTIGO EGITO

Tradução para o Inglês:

E. A. Wallis Budge



Tradução para o inglês:
E. A. Wallis Budge
Coordenação e introdução de John Baldock



O Livro dos Mortos do Antigo Egito



Tradução:
Marcos Malvezzi



ÍNDICE

Introdução.....	6	PRANCHAS 20.....	92
PRANCHA 1.....	12	PRANCHA 21.....	96
PRANCHA 2.....	16	PRANCHA 22.....	100
PRANCHA 3.....	18	PRANCHAS 23-24.....	104
PRANCHA 4.....	22	PRANCHA 25-26.....	108
PRANCHAS 5-6.....	25	PRANCHA 27.....	116
PRANCHAS 7-10.....	32	PRANCHA 28.....	120
PRANCHAS 11-12.....	50	PRANCHAS 29-30.....	124
PRANCHA 13.....	66	PRANCHAS 31-32.....	130
PRANCHA 14.....	69	PRANCHA 33.....	138
PRANCHA 15.....	72	PRANCHAS 33-34.....	140
PRANCHA 16.....	76	PRANCHA 35.....	146
PRANCHA 17.....	80	PRANCHAS 35-36.....	148
PRANCHA 18.....	84	PRANCHA 37.....	152
PRANCHA 19.....	88	Glossário.....	154





INTRODUÇÃO

Quando colocamos *O Livro dos Mortos do Antigo Egito* em seu contexto mais amplo, devemos nos lembrar de que a antiga civilização egípcia – o Egito dos faraós – existiu por muito mais de 3 mil anos, até o país ser anexado por Roma, por volta do ano 30 a.C. Períodos de tumultos e disputas políticas eram contrabalançados por tempos de paz e prosperidade, dos quais o mais significativo coincide com os períodos conhecidos como o Antigo Império (2650-2152 a.C.), o Médio Império (1986-1759 a.C.) e o Novo Império (1539-1069 a.C.). Foi durante o Novo Império que surgiu o *Livro dos Mortos* que conhecemos hoje, mas as ideias e crenças nele expostas já vinham evoluindo, aos poucos, nos 2 mil anos precedentes, ou até antes, moldadas por uma combinação da experiência cotidiana dos egípcios, a paisagem em que viviam e os eventos históricos. As cheias anuais do Nilo, das quais dependia a fertilidade da terra às margens do grande rio, e o movimento orbital do sol, da lua e das estrelas levaram à crença de que a vida seguia um padrão cíclico, recorrente. Além disso, parecia que o universo era governado por uma eterna ordem cósmica (*ma'at*) na qual tudo tinha seu lugar apropriado. Mesmo a vida humana, cujas fases principais de nascimento, juventude, idade adulta,

velhice e morte se limitavam a um espectro aproximado de 35 anos, era parte integrante dessa ordem cósmica.

Assim como outras civilizações antigas, os egípcios expressavam suas crenças por meio de mitos em que as realizações dos deuses personificavam tanto os fenômenos visíveis quanto as forças invisíveis por trás dos padrões cíclicos que regiam o universo. Os mitos e a religião inspirados pelos deuses sofreram uma evolução considerável no decorrer dos milênios anteriores ao surgimento do *Livro dos Mortos*, influenciado em parte por mudanças no poder regional, mas também pelos sacerdotes que cuidavam dos templos e dos centros de culto nas cidades ao longo do Nilo. Entretanto, dois elementos permaneceram constantes: a proeminência dos diversos deuses associados ao sol (por exemplo, Hórus e Aton) e o papel central do rei ou faraó. Este fazia oferendas aos deuses em nome de seus súditos, e os deuses retribuíam dando vida a ele e a seu povo. Segundo o *Livro dos Mortos*, um acordo recíproco semelhante devia sustentar a vida dos falecidos após seu sepultamento.

Dentre os vários mitos deixados pelos antigos egípcios, um é particularmente relevante para o *Livro dos Mortos*: o mito de Osíris. A história completa é bastante extensa, mas seus elementos principais são os seguintes: a deusa do céu, Nut, e o deus da terra, Geb, tiveram quatro filhos: dois homens, Osíris e Set, e duas mulheres, Ísis e Néftis. Os irmãos se casaram com suas irmãs – Osíris e Ísis, Set e Néftis. O primeiro filho, Osíris, sucedeu a seu pai no trono do Egito. Osíris governou os egípcios primitivos com bondade e lhes proporcionou educação, estabelecendo, assim, as fundações da grandiosa civilização que se tornariam. Enciumado, Set assassinou Osíris, esquartejou seu corpo e espalhou os pedaços por toda a região do Egito, assumindo o trono no lugar dele. Ísis, com a ajuda da irmã, Néftis, e os deuses Anúbis e Toth, encontrou as partes do corpo de seu marido, juntou-as e mumificou o corpo, trazendo Osíris de volta à vida. Em vez de retornar à Terra, porém, ele se tornou o governante eterno do reino da vida após a morte, o Além ou Duat. Enquanto isso, Hórus, filho de Osíris e Ísis, vingou a morte do pai, derrotando Set, e se tornou rei no lugar de Osíris. Desde então, todos os faraós do Egito personificavam o espírito de Hórus, enquanto o pai falecido do faraó se tornou novo Osíris.

O Livro dos Mortos

O *Livro dos Mortos* desenvolveu-se a partir de uma longa tradição de textos funerários, cujos primeiros exemplos são conhecidos como os Textos das Pirâmides, pois foram escritos nas paredes das câmaras funerárias nas pirâmides do Antigo Império. O texto conhecido mais antigo foi descoberto na Pirâmide do rei Unas em Sacará, e remonta, aproximadamente, a 2345 a.C. O propósito dos Textos das Pirâmides era ajudar o faraó morto a conquistar seu lugar entre os deuses; para esse fim, eles incluíam hinos, orações e encantamentos mágicos para afastar os perigos encontrados na vida após a morte. A princípio, esses meios eram de uso exclusivo da realeza, mas nos anos decadentes do Antigo Império, o direito de sua utilização foi assumido pelos governadores regionais e outros funcionários de alta patente. Uma nova coletânea de textos funerários surgiu no Médio Império – os Textos dos Sarcófagos, que, como indica o nome, eram escritos na superfície interna de caixões de madeira. Esses textos incluíam encantamentos extraídos dos Textos das Pirâmides, além de muitas composições novas. Alguns incluíam ilustrações. Quando os esquifes retangulares de madeira mudaram de forma para seguir os contornos do corpo mumificado, os textos passaram a ser escritos em papiros, que eram enrolados e inseridos no ataúde com o morto. Milhares desses papiros foram produzidos no Novo Império, época em que o *Livro dos Mortos* já se tornara de uso corrente. O título *Livro dos Mortos* foi cunhado em 1842 pelo egiptólogo alemão Richard Lepsius, mas sugere-se que um título mais apropriado seria “Encantamentos para a ressurreição”, porque o propósito era que o falecido voltasse são e salvo da tumba, em uma forma aperfeiçoada e espiritualizada. Hoje em dia, o termo “*Livro dos Mortos*” geralmente se refere ao conjunto inteiro de quase 200 capítulos ou encantamentos, dos quais se fez uma seleção para inclusões em papiros individuais. Embora o formato para a apresentação dos capítulos escolhidos fosse mais ou menos padronizado, a ordem em que se expunham variava de um papiro para outro.



O prolongamento da vida

Os antigos egípcios acreditavam que o ser humano individual era uma mistura de vários elementos – os *kheperu*, isto é, modos de manifestações da existência humana – que se desintegravam na morte. Esses elementos incluíam o corpo físico (*khat*); o coração (*ib*), que seria o trono da mente ou inteligência; o nome (*ren*), que constituía a individualidade do falecido, sendo essencial para sua existência na vida após a morte; a sombra (*shut*), também relacionada à individualidade do falecido, mas capaz de se separar do corpo e gozar de liberdade independentemente de movimento; a força vital ou espírito (*ka*), que permanecia na tumba com o corpo do falecido e era alimentada por um suprimento constante de oferendas; a alma ou espírito (*ba*), reproduzida em vinhetas como um pássaro pequeno com cabeça humana, que era livre para visitar o mundo dos vivos durante o dia, retornando à tumba ao pôr do sol. A desintegração desses diversos elementos era impedida por meio da mumificação do corpo, um processo que transformava o falecido em uma forma divina ou espiritual conhecida como *sab*.

Quando a múmia era colocada na tumba, acreditava-se que ela entraria no Duat ou o Além, onde passaria por dois ceremoniais: a “pesagem do coração” e a “abertura da boca”. O primeiro ritual era uma espécie de julgamento da vida do falecido, no qual seu coração era posto no prato de uma balança, enquanto uma pena, simbolizando *Ma'at*, ficava no outro prato. A cerimônia era conduzida pelo deus com cabeça de chacal, Anúbis, e Toth, o deus com cabeça de íbis, que registrava o resultado. Se o coração passasse no teste da pesagem, o falecido prosseguia em sua passagem pelo Duat; se não passasse, era comido por Ammit, o monstro “Devorador”. O segundo ritual era realizado por um sacerdote, que tocava a cobertura facial da múmia com um ou mais instrumentos ceremoniais, “desobstruindo” assim a boca, os olhos, ouvidos e narinas do morto, para que ele recuperasse o uso dessas faculdades. A abertura da boca tinha grande importância porque permitia ao falecido recitar os hinos e as orações escritos no papiro. Também lhe possibilitava chamar pelo nome os deuses que encontraria no Duat, respondendo corretamente aos seus questionamentos.

Outros objetos colocados na tumba com a múmia eram os vasos canópicos (que continham os órgãos internos preservados do morto), oferendas para os deuses, o *ka* e várias figuras pequenas (*shabits*) cuja função era auxiliar o falecido na execução de tarefas laboriosas na vida após a morte, como por exemplo, arar a terra nos Campos de Paz/Juncos.

Se os mortos seguissem as instruções nos papiros e recitassem os hinos e encantamentos, eles se tornariam um *akh* (um espírito abençoado) e, ao deixar a múmia na tumba, se reuniriam com os deuses Osíris e Rá.

O papiro de Ani

O papiro de Ani, que data por volta de 1275 a.C., foi encontrado em Tebas e comprado pelo Museu Britânico em 1888. Ani era “cuidador do viveiro duplo do senhor de Tawer”, e sua esposa, Thuthu (ou Tutu), era membro do coro no Templo de Amon. O papiro de Ani é um dos mais longos manuscritos conhecidos do *Livro dos Mortos*, com 23,5 metros de comprimento, e contém mais de 60 capítulos ou encantamentos. Muitos desses capítulos são ilustrados com vinhetas profusamente coloridas que representam os diversos estágios da jornada de Ani pelo Duat, em direção ao Campo Paradisíaco de Juncos. A maior parte do texto é escrita em tinta preta, e tinta vermelha é usada para os títulos dos capítulos e para as instruções (rubricas) a serem seguidas pelos mortos. O papiro começa com Ani, acompanhado pela esposa, louvando o deus-sol Rá e Osíris, senhor e governante do Duat. As vinhetas subsequentes mostram as cerimônias da “pesagem do coração” e da “abertura da boca”; a procissão funeral de Ani e seu corpo mumificado sendo posto na tumba; e seus encontros com vários deuses no curso de sua jornada através do Duat. O papiro culmina com a chegada de Ani nos Campos de Paz (ou Juncos).

A tradução do papiro de Ani, apresentada nas páginas seguintes, foi feita por E. A. Wallis Budge, mantenedor do Departamento de Antiguidades Egípcias e Assírias entre 1894 e 1924. Além de expandir as coleções egípcias do museu, Budge escreveu muitos livros que ajudaram

a estimular o interesse popular pelo antigo Egito. Sua tradução do papiro de Ani, publicada sob o título de *O Livro dos Mortos do Antigo Egito*, incluía uma coletânea de capítulos de outros manuscritos e numerosos apêndices, todos omitidos nesta edição. Ele também inseriu extensas notas de rodapé, algumas mantidas aqui, porém, encurtadas, às quais acrescentamos novas.

John Baldack





PRANCHA 1

O escriba Ani, com as mãos erguidas em adoração, diante de uma mesa de oferendas com carne, filões de pão e bolo, jarros de vinho e óleo, frutas, lótus e outras flores. Ele veste um traje de linho franjado, de cor branca e açafrão, e usa peruka, colar e braceletes. Atrás de Ani,



sua esposa “Osíris, senhora da casa, a senhora do coro de Amon, Thuthu”, vestindo roupa semelhante e segurando um sistro e um galho na mão direita, e um *menat*, na esquerda.¹

1. O sistro e o *menat* eram emblemas do posto de Thuthu como Membro do Coro de Amon. (ed.).